

## MEDIAÇÕES NA ESCOLA COM A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Merysany Silva dos Santos<sup>1</sup>  
Maria Cristiane Lopes da Silva<sup>2</sup>  
Geovani Jacó de Freitas<sup>3</sup>  
Ana Patrícia da Silva Mendes Paton Viegas<sup>4</sup>  
Sanymery Silva dos Santos<sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo aborda reflexões sobre as formas de mediação de conflitos realizadas por professores em salas de aula regulares de uma escola pública da rede municipal de Fortaleza/CE. As reflexões surgiram a partir de uma pesquisa exploratória que despertou a curiosidade dos autores deste artigo, com o objetivo de compreender a formação dos docentes para lidar com a mediação de conflitos no ambiente escolar, visando refletir sobre as políticas de formação nesse campo. Como referencial teórico, escolhemos as discussões embasadas em Foucault (2009), na perspectiva do entendimento do controle na instituição escolar como mecanismo de vigilância e disciplina; o conceito de mediação no pensamento de Paulo Freire (1970), como facilitador de um diálogo crítico e reflexivo na conexão humana e libertadora; e a visão de conflito como um fenômeno de transformação social, segundo Simmel, entre outros teóricos. Optamos por uma abordagem qualitativa como caminho metodológico, favorecendo a percepção dos docentes enquanto sujeitos da ação, captados por meio de rodas de conversa, diários de campo e observação participante, além de bibliografias sobre o tema e documentos utilizados pela escola. Como resultados, apresentamos algumas reflexões iniciais sobre a formação de professores na ótica do enfrentamento dos conflitos e da prevenção da violência escolar, sem a intenção de esgotar as certamente discussões no futuro, pois acreditamos que conclusões definitivas limitam o campo de possibilidades no espaço de formação.

**Palavras-chave:** Mediação de Conflitos, Formação de Docentes, Políticas de Formação, Diálogo Crítico, Transformação Social,

### INTRODUÇÃO

A Educação e sua capacidade de transformação aproximam o conhecimento e as relações, na escola, entre professores e alunos, que são os principais protagonistas de um

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de SOCIOLOGIA da Universidade Estadual - CE, [merysany@gmail.com](mailto:merysany@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutorando do Curso de SOCIOLOGIA da Universidade Federal - CE, [crisneto19@gmail.com](mailto:crisneto19@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutor do Curso de SOCIOLOGIA da Universidade Estadual - CE, [giljaco@gmail.com](mailto:giljaco@gmail.com);

<sup>4</sup> Doutoranda do Curso de SOCIOLOGIA da Universidade Estadual - CE, [patriciapaton.viegas@gmail.com](mailto:patriciapaton.viegas@gmail.com);

<sup>5</sup> Especialista do Curso de PSICOPEDAGOGIA da Universidade Estadual - CE, [sanymerysantos@gmail.com](mailto:sanymerysantos@gmail.com).

processo estritamente inevitável. A transformação a qual nos referimos vai muito além do espaço escolar, envolvendo alunos, pais, educadores e a comunidade escolar em vivências e experiências que promovem relacionamento com o mundo ao seu redor.

No campo escolar, Bourdieu e Passeron (2007) apresentam esse espaço como um campo social no qual ocorrem lutas simbólicas. Nesse contexto, diferentes agentes (estudantes, docentes e gestores) competem por diversas formas de capital. Para os autores, o campo escolar é principalmente influenciado pelo ambiente familiar e reforçado pelo sistema educativo.

Nessa perspectiva, a mediação de conflitos é uma das atividades sugeridas para que o docente, em seu cotidiano, encontre junto com os estudantes caminhos para solucioná-los, restabelecendo o diálogo com a comunidade escolar e fortalecendo os vínculos escolares. Como professores, percebemos que os profissionais da Educação, especialmente na rede pública, são desafiados diariamente em sala de aula a lidar com conflitos e a ter que mediá-los. É cada vez mais necessário desenvolver habilidades de escuta, comunicação e diálogo para trabalhar com os conflitos, pois a própria instituição escolar se coloca na posição de detentora do saber e impõe sua própria forma de cultura do conhecimento, muitas vezes não permitindo que seus agentes promovam diálogos e interações.

De forma sutil, a violência simbólica descrita por Bourdieu (1998) é inserida pelo sistema educativo na realidade dos professores e nas experiências dos alunos, evidenciando a falta de formação adequada para lidar com tais conflitos e violências. Embora as instituições e as Secretarias da Educação formulem e implementem estratégias de "resolução de conflitos" e ofereçam formações em metodologias para auxiliar na gestão dos conflitos, o processo de formação ainda é ineficaz. Tais formações não conseguem atender o corpo escolar como um todo, permanecendo limitadas a experiências pontuais (Silva, 2023).

Por isso, aprender a lidar com os conflitos é parte essencial do desenvolvimento do indivíduo, pois o conflito é algo inerente a qualquer lugar onde pessoas se reúnem (Simmel, 1993), especialmente em uma sala de aula, ambiente em que também se vive a irmandade entre determinado grupo. A escola é um ambiente complexo, onde os indivíduos enfrentam variadas situações desafiadoras que, muitas vezes, nem o professor está preparado para enfrentar. Essas situações incluem dificuldades de comunicação e

diálogo entre estudantes, professores, gestão e comunidade escolar; questões de aprendizagem; indisciplina dos alunos; dificuldades no relacionamento interpessoal; bullying; e conflitos próprios dos estudantes e professores, entre outras questões que o professor precisa ter que gerenciar.

Esse docente, na maioria das vezes, precisa descobrir-se com habilidades de mediação para tentar resolver e gerenciar conflitos. Tanto dentro quanto fora da sala de aula, a comunidade escolar enfrenta dificuldades para viver, relacionar-se e construir um ambiente onde seja possível mediar quaisquer conflitos que venham a ocorrer, permitindo que as relações interpessoais dos envolvidos possam dar continuidade à dinâmica escolar. Dependendo da localização da escola, tal dinâmica pode enfrentar outras situações de conflito, pois muitas das nossas escolas municipais estão situadas em áreas de risco, frequentemente controladas pelo tráfico ou por facções. Isso interfere diretamente no cotidiano escolar e facilita a ocorrência de variados tipos de conflitos dentro da escola, alguns mais importantes que outros.

Na escola, observam-se muitas situações conflitantes que, embora inerentes à vida social, quando não são bem "gerenciadas" prejudicam as relações de convivência entre professores, alunos e gestão. Isso pode tomar proporções preocupantes, enfraquecendo a interação entre os membros da comunidade escolar e resultando em violência escolar (Silva, 2023). Em vez de aproximar as pessoas, essas situações frequentemente as afastam, fazendo surgir um ambiente permeado por medo, desconforto e sensação de insegurança, oriundos de questões internas e/ou externas que afetam significativamente o seu interior, inviabilizando diálogos e vínculos sociais (Silva, 2023).

Dessa forma, o objetivo deste artigo é compreender a formação dos docentes como algo crucial para lidar com a mediação de conflitos no ambiente escolar, e ainda de fomentar a reflexão sobre as políticas de formação nesse campo.

## **METODOLOGIA**

Adotamos a pesquisa qualitativa como metodologia, pois ela representa uma forma de investigação que busca compreender o fenômeno social a partir das perspectivas dos próprios participantes (Brandão, 2001). Esse método permite entender o significado das ações e experiências das pessoas dentro de seus contextos culturais e sociais.

Dessa forma, a pesquisa qualitativa valoriza a natureza subjetiva dos interlocutores, utilizando técnicas como rodas de conversa, diários de campo, observação participante e revisão de referencial bibliográfico relevante.

A investigação se volta para compreender a constituição das “mediações dos conflitos” na escola, focando a formação que os docentes recebem para lidar com os conflitos inerentes ao cotidiano escolar. Nesse contexto, é importante utilizar um conjunto de ferramentas metodológicas apropriadas para aproximar-se da realidade de uma escola municipal em Fortaleza/CE, localizada na periferia da cidade e com alta vulnerabilidade social.

Entendemos que, para preservar a imagem da escola e garantir a não identificação dos docentes e discentes, não mencionaremos o nome da instituição. As informações serão tratadas de forma geral, sem citar identidades específicas. Optamos por discutir as reflexões teóricas sem incluir as narrativas diretas dos interlocutores, para manter o foco nas considerações bibliográficas que atendem aos objetivos deste artigo.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A mediação de conflitos promove estratégias que incentivam o diálogo, a autonomia e a empatia entre os envolvidos (Silva, 2023). Baseada no respeito às diferenças e sem recorrer à punição ou à repressão, como destacado por Foucault (1987), sua proposta é responsabilizar os envolvidos nos conflitos, visando à reparação de comportamentos ofensivos e à possível restauração dos vínculos afetados, independentemente de quem seja a vítima ou o culpado. Nesse processo, são considerados os sentimentos e as necessidades das pessoas, o que facilita o manejo da situação de conflito (Silva, 2023).

Em Fortaleza, desde 2013, a Secretaria Municipal de Educação (SME/ Fortaleza) implementou a primeira célula de mediação na rede municipal, considerada uma das pioneiras no Ceará. O setor foi idealizado com o objetivo de desenvolver políticas de prevenção da violência e promover uma cultura de paz nas escolas, por meio de práticas e metodologias específicas, como a Mediação de Conflitos e a Justiça Restaurativa no ambiente escolar.

Inicialmente, a SME contou com o apoio de instituições como o Ministério Público do Estado do Ceará (MP/CE) e a Terre des hommes – Tdh Brasil, que colaboraram para a implantação da Mediação Escolar e na aplicação da Justiça Restaurativa, incluindo os Círculos de Construção de Paz, método bastante eficaz e já comprovadamente importante para uma interação positiva no processo e após o mesmo.

Todas iniciativas visam fortalecer as práticas de resolução de conflitos e à prevenção da violência.

Dessa forma, a célula de mediação e essas instituições introduzem estratégias nas escolas, especialmente naquelas com cenários de conflitos intensos, em que as regras disciplinares tradicionais não têm sido eficazes e, por essa razão, nem sempre são bem aceitas pela comunidade escolar, que muitas vezes responde com mais conflitos e até violência.

O trabalho e a pesquisa da autora (Silva, 2023) proporcionam um aprofundamento significativo no campo da mediação de conflitos e controle social. Em sua pesquisa, ela investiga a realidade das escolas estaduais, aplicando práticas restaurativas eficazes para a resolução de conflitos por meio da mediação e dos Círculos de Construção de Paz (CCP), contribuindo para a formação dos docentes. O objetivo agora é expandir essa pesquisa para a rede municipal. As situações conflituosas geram muitas inquietações e estimulam a investigação, tanto para pesquisadores quanto para educadores da rede municipal. Inclui também os professores que apoiam e trabalham com o programa de mediação escolar da SME/ EMPAZ, que realiza o acompanhamento dos projetos para facilitar o diálogo entre a comunidade escolar e seus participantes.

A partir dos projetos desenvolvidos pelas unidades escolares dos autores deste trabalho, tanto o grupo gestor quanto os estudantes começaram a relatar diversas questões sobre as atitudes tidas frente aos conflitos. Essas atitudes frequentemente não favorecem o diálogo nem oferecem uma resolução adequada que justifique ou explique as medidas adotadas. Por isso, na escola, ao utilizar mecanismos de enfrentamento para lidar com os conflitos, empregamos estratégias de mediação, embora não necessariamente utilizando todas as técnicas formais da mediação de conflitos com todos os seus requisitos (Silva, 2023).

Aqui, entendemos "mediações" de forma mais ampla, em que existe referência às diversas estratégias que os professores utilizam para resolver problemas que surgem no cotidiano escolar. Isso pode incluir conversas com os alunos, diálogos com pais ou responsáveis, ou mesmo acordos simbólicos em que prometem os envolvidos que não irão ser repetidas determinadas atitudes ou comportamentos. Em resumo, "mediações" representam tentativas de aplicar estratégias viáveis e possíveis para "resolver" os conflitos escolares (Silva, 2023).

Do ponto de vista da pesquisa, os conflitos são vistos como inerentes à vida social, refletindo uma interação dualista que pode tanto dividir quanto unir. Segundo Simmel

(1993), o conflito pode ser interpretado como uma forma de "união / desunião", envolvendo contradições e problemas de diferentes naturezas, mas com possibilidades de enfrentamento e convivência. Nesse contexto, a mediação de conflitos pode ser uma ferramenta útil para a escola na gestão dos conflitos e na prevenção da violência, desde que utilizada de maneira adequada, evitando se transformar em mais um mecanismo de coerção ou punição no ambiente escolar.

Por tal razão, surgem algumas perguntas que provocam a reflexão que contribuem para a elaboração deste artigo: como é o trabalho com a mediação de conflitos nas escolas públicas municipais? É possível aplicar a mediação em situações de violência? De que maneira a formação dos professores influencia e afeta a gestão de conflitos e a prevenção da violência nas escolas?

É relevante alinhar tais questões com as reflexões de Priotto e Bonetti (2009), que contextualizam a violência escolar dentro de uma perspectiva ampla. Elas destacam que a escola, enquanto instituição social, não está isolada e livre das dinâmicas e tensões da sociedade. As autoras enfatizam que a violência escolar deve ser compreendida em suas diversas manifestações — na escola, pela escola e contra a escola — e não apenas por meio de uma célula de mediação, sempre aplicando essa visão à realidade das escolas municipais de Fortaleza/CE.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta análise, abordamos as definições de escola, mediação de conflitos, conflito e controle social na formação docente. A visão freiriana da escola a considera um espaço de relações dialógicas entre professores e alunos, com o objetivo de promover a emancipação humana. De acordo com Freire (1997), a escola deve permitir que o aluno compreenda seu papel como sujeito da Educação, garantindo seu respeito e sua liberdade, o que contribui para uma aprendizagem mais autônoma e crítica. A legislação brasileira, por com fulcro na LDB, reforça essa perspectiva ao assegurar o acesso à Educação para que todos possam desenvolver suas capacidades de forma livre e autônoma.

No entanto, a autonomia muitas vezes é confundida com indisciplina, um problema que desafia tanto os docentes quanto a aprendizagem dos alunos. A pesquisa exploratória realizada, com base em consultas aos livros de ocorrência de uma escola, revela que os professores enfrentam frequentemente conflitos como comportamentos

inadequados, agressividade, quebra de regras e *bullying*. Em tais situações, são utilizadas mediações como ferramentas para resolver os conflitos. Alguns professores conseguem lidar com esses problemas dentro da própria sala de aula, enquanto outros encaminham os casos para conversas com gestores escolares (diretores, coordenações e orientadores). Em alguns casos, as mediações envolvem também pais e/ou responsáveis dos alunos.

Na realidade institucional da escola pesquisada, o processo de formação para mediação de conflitos não conseguiu se integrar ao contexto educacional de forma eficaz. A escola, com base em sua autonomia, tenta realizar mediações de acordo com suas condições e limitações, que são bastante dinâmicas em termos de tempo e espaço. Na ausência de uma formação adequada para o corpo docente, os docentes seguem algumas orientações gerais e fazem registros dos casos mais graves, como observado em conversa com os docentes da escola no que se refere às práticas educativas, pois eles não se sentem preparados muitas vezes para os conflitos e a violência na escola, principalmente nos casos em que a mediação de conflitos não contribuiu para um melhor diálogo entre as partes, gerando, dessa forma, uma sensação de desespero e insegurança no professor, que alegam que as mais dificuldades vêm por parte da própria formação, seja acadêmica ou continuada, pois quando recebem ou buscam conhecimentos, técnicas e métodos, o caminho no processo de ensinar acaba mais produtivo e valorizado pelas partes envolvidas, que são os estudantes, os professores e a escola.

De acordo com Demo (2009), essa situação está longe do ideal para a formação de professores. Ele argumenta que a formação deveria ser um processo contínuo, crítico e reflexivo, que integrasse teoria e prática, e fosse pautada nas competências necessárias para enfrentar os desafios da prática pedagógica.

Segundo Durkheim (2007), a escola exerce um papel essencial na coesão social, transmitindo valores e normas que promovem a solidariedade. Sob essa perspectiva, as mediações podem contribuir para a manutenção da coesão social escolar ao implementar programas que fomentem a comunicação aberta, a empatia e o entendimento mútuo entre os alunos. Tais práticas têm o potencial de fortalecer o senso de comunidade e pertencimento dentro da escola.

No entanto, é relevante questionar se o potencial da mediação de conflitos poderia ser mais eficaz com a implementação de um programa contínuo de formação para professores, focado na qualificação metodológica e no desenvolvimento de técnicas

adequadas para lidar em ocorrências de conflitos escolares. Os programas e os projetos atualmente desenvolvidos nas escolas realmente alcançam a eficiência desejada na mediação de conflitos?

Segundo Silva (2023), ações pontuais muitas vezes não conseguem implementar a mediação de conflitos de maneira técnica e estruturada. O que se observam são tentativas fragmentadas de aplicar a mediação, sem seguir integralmente as etapas e as técnicas necessárias. Alerta-se para o risco de a mediação se tornar apenas mais um mecanismo sem impacto significativo, especialmente se não for desenvolvida de forma adequada, respeitando os processos e requisitos necessários. A intensa e dinâmica rotina escolar pode inviabilizar a aplicação eficaz da mediação, que demanda tempo e profissionais capacitados.

Bourdieu e Passeron (1970) argumentam que o sistema educativo perpetua desigualdades sociais por meio da "reprodução cultural", sustentando as diferenças de classe existentes. Nesse contexto, a mediação de conflitos deve ser projetada para enfrentar essas desigualdades estruturais e promover políticas que assegurem equidade e inclusão para todos os alunos. A mediação, portanto, não deve apenas "resolver" disputas individuais, mas também procurar viabilizar diálogos para mobilizar as estruturas organizacionais no que concerne a gestão dos conflitos e a prevenção a violência.

Complementando essa perspectiva, Bourdieu (2007) introduz o conceito de capital social, que pode influenciar a dinâmica dos conflitos e sua resolução nas escolas. Fortalecer as redes de relacionamento por meio de atividades colaborativas e programas que incentivem a cooperação pode ajudar a reduzir a probabilidade de conflitos e aumentar a eficácia de sua resolução. Esse enfoque contribui para uma abordagem mais inclusiva e equitativa, alinhada com a necessidade de enfrentar desigualdades.

Ao refletirmos sobre as mediações na escola e sua relação com a formação de professores, enfrentamos um desafio significativo. Concordamos com Demo (2009), que enfatiza que uma política de formação de professores deve incorporar aspectos fundamentais, como uma formação crítica e reflexiva que transcenda a simples transmissão de conhecimentos técnicos, a integração equilibrada entre teoria e prática e o desenvolvimento contínuo da formação.

Com base nessa visão de Demo, percebemos que a formação dos docentes para a mediação de conflitos nas escolas ainda está distante do ideal necessário. Diversos fatores



contribuem para a falta de uma formação efetiva. A visão de Foucault (1987) sobre a escola como um ambiente disciplinador, cuja estrutura visa manter o controle e o poder, torna ainda mais desafiador desenvolver formações que desafiem as práticas habituais.

Em bastantes casos, essas formações são baseadas em técnicas de vigilância e controle, sem possibilitar o rompimento das normas comportamentais e disciplinares estabelecidas.

Portanto, criar formações para professores que ofereçam novas oportunidades de aprendizado e mediação é um desafio que ainda precisa ser superado. Como Paulo Freire (1970) afirma, para alcançar uma Educação emancipatória, reflexiva e libertadora, é crucial promover uma mudança significativa que vá além das práticas pedagógicas tradicionais e busque promover a autonomia e a justiça social.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho trouxe algumas considerações sobre as formas de mediação de conflitos, aqui entendidas como “mediações” no sentido de compreender as diversas estratégias que as escolas utilizam para lidar com os conflitos. Apesar dos variados e importantes desafios, como a falta de tempo no dinamismo escolar e, principalmente, a ausência de formação adequada para professores sobre o tema, as escolas têm encontrado maneiras de enfrentar essas questões. Como a vida fora da escola segue, a própria escola também deve seguir. É com parcerias positivas que facilitem mediações eficazes que se deve contar sempre, de modo a tornar a vida dos alunos e dos professores mais leve.

Não estamos aqui negando as dificuldades que perpassam a estrutura organizacional escolar. Pelo contrário, o propósito é refletir e gerar reflexões e mais estudos sobre as “mediações” realizadas pelas escolas públicas, com destaque para a experiência de uma unidade da rede municipal de Fortaleza/CE. Esta escola, mesmo diante de desafios como a falta de tempo e a ineficiência das formações de professores, consegue implementar estratégias eficazes para a gestão de conflitos escolares.

Os resultados deste estudo apontam para algumas reflexões pertinentes. Observa-se que os desafios ultrapassam a autonomia das escolas no manejo dos conflitos e na prevenção da violência escolar. No entanto, as instituições não ficam paralisadas diante

das controvérsias, divergências e questões fora de seu alcance. O protagonismo docente, que inclui gestão, professores e pais/ responsáveis, continua a desenvolver estratégias teórico-metodológicas para conduzir o processo de gestão dos conflitos e prevenir a violência escolar.

Por conclusão, sem a intenção de esgotar quaisquer futuras discussões, acreditamos que conclusões definitivas limitam o campo de possibilidades no espaço de formação. Tal escrita visa provocar ainda mais debates relevantes sobre o tema, reconhecendo sua complexidade e a necessidade contínua de reflexão e adaptação nas práticas de mediação de conflitos nas escolas, bem como a urgência que ora se mostra necessária quanto à formação de mais professores para que melhor se adequem à realidade escolar.

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. (Cap. II – Introdução a uma sociologia reflexiva, p.17-58 e Cap. III – A gênese dos conceitos de habitus e de campo, p. 59-73).

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Razões Prática: sobre teoria e método. São Paulo: Papius, 2011. (Cap. 3 – por uma ciência das obras)

Brandão, Carlos Rodrigues. **O Que É Pesquisa Participante?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. Tradução Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.



PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. Revista Diálogo Educacional, v. 9, n. 26, p. 161-179, 2009.

SILVA, Maria Cristiane Lopes da. Círculos de construção de paz: experiência e olhares na escola pública. São Paulo: Dialética, 2023.